

NO RASTRO DO CRIME

Capítulo 1

CENA 1. INT. APARTAMENTO DE MANUELE. TARDE.**1**

FADE IN.

Um relógio fixado na parede indica 12:32.

CARACTERES surgem abaixo da imagem do relógio: 16 SETEMBRO DE 2016.

Alterna-se a imagem do relógio com a face de MANUELE CAVALHAIS em close. A câmera se afasta gradativamente de sua face. Manuele é uma jovem loira, linda, de lábios vermelhos de batom e usa um exuberante VESTIDO VERMELHO.

Manuele divide um apartamento com duas colegas e TODAS TRABALHAM COMO ACOMPANHANTES DE LUXO.

Manuele está sentada no sofá. Ela está visivelmente NERVOSA e rói delicadamente as unhas, olhando para o vazio.

Em close, o rosto de RENATA DOS SANTOS FERREIRA surge na tela. Renata é uma jovem ruiva, também muito bonita. Sentada em outro sofá, Renata aparenta estar calma e estuda o nervosismo de Manuele.

Sobre as pernas cruzadas, Renata apoia uma revista de palavras cruzadas.

RENATA DOS SANTOS

O que está acontecendo, Manu?

MANUELE CAVALHAIS

(despertando dos pensamentos)

O quê?!

RENATA DOS SANTOS

É a primeira vez que te vejo assim. Por que tá tão nervosa?

MANUELE CAVALHAIS

Nervosa?! Eu?!

RENATA DOS SANTOS

Não precisa mentir pra mim, Manu.

(CONT.)

Manuele reflete por alguns segundos de silêncio.

MANUELE CAVALHAIS

Ah. Queria o quê? Vou sair com um dos caras mais ricos da cidade.

RENATA DOS SANTOS

Não é a primeira vez que faz isso. Já saiu com tantos homens ricos.

Manuele reflete novamente.

MANUELE CAVALHAIS

Tá! Tudo bem. Sabe o que está realmente acontecendo?...

(pausa)

... Estou prestes a ir à empresa onde meu pai é um dos sócios, como deveria agir? Como se nada estivesse acontecendo?

Renata não se surpreende.

RENATA DOS SANTOS

Não é obrigada a ir. Na verdade, não deveria se tivesse medo *dele* descobrir o que você faz.

MANUELE CAVALHAIS

Sabe, Renata, desde que nasci esse Eduardo, que minha mãe diz ser meu pai, me evitou. Pagava uma pensão ridícula para que minha mãe me criasse sem reclamar, apenas pelo medo de um escândalo no início de sua carreira, e só por que minha mãe era pobre e mais velha que *ele*...

Calada, Renata observa a revolta de sua amiga.

(CONT.)

MANUELE CAVALHAIS (CONT.)

Bem, se tornou um homem rico. E agora uma pergunta; o que devo fazer sabendo que tenho a chance de vingar o que ele fez à minha mãe?

RENATA DOS SANTOS

(confusa)

Chance? Pra quê?

MANUELE CAVALHAIS

Pra causar vergonha nele. Quero que saiba que se sua filha é prostituta. E foi por essa razão que aceitei a proposta desse... desse... Merda. Até esqueci o nome dele.

RENATA DOS SANTOS

CLARK.

MANUELE CAVALHAIS

(indignada)

Isso. Clark.

RENATA DOS SANTOS

Você não acha estranho demais esse empresário contratar você sendo ele presidente da empresa em que seu pai tem ações?

MANUELE CAVALHAIS

Sim, é uma coincidência. Agora espero que ele não descubra que sou filha de um de seus sócios. Senão meu plano vai pro ar junto com o dinheiro que já me deu.

RENATA DOS SANTOS

Não sei, não. Tá estranho.

(CONT.)

MANUELE CAVALHAIS

(pensativa)

É. Um pouco, talvez.

O telefone toca sobre uma mesa.

Manuele levanta-se, caminha até o telefone e atende a chamada.

MANUELE CAVALHAIS

Alô...

(Pausa. Manuele escuta algumas palavras)

... Tudo bem. Já estou descendo.

Manuele encerra a chamada e volta ao sofá em que estava sentada para apanhar sua bolsa.

MANUELE CAVALHAIS

Preciso ir. Ele já está aqui.

RENATA DOS SANTOS

Tem certeza de que quer fazer isso?

MANUELE CAVALHAIS

Apesar de estar com um pouco de medo, tenho. Meu "paisinho" precisa saber que foi ele quem realmente "fudeu" com minha vida. Tchau!

Renata nega com a cabeça e ri.

Manuele caminha na direção da porta.

CENA 2. INT. CARRO DE CLARK. TARDE.

2

Do pondo de vista do motorista, MANUELE CAVALHAIS abre a porta de um carro e entra.

(CONT.)

CLARK MEISINGER é quem está ao volante. Ele é um homem alto, magro, de cabelos loiros e olhos azuis. Veste roupas elegantes e aparenta ser um homem CULTO. Clark está com aproximadamente 45 anos e ainda mantém uma boa aparência, com a barba bem feita e cabelos lisos penteados para trás.

CLARK MEISINGER

Vamos?

MANUELE CAVALHAIS

(sorrindo)

Você é quem manda.

Clark contempla Manuele e gira a chave de partida do carro.

CLARK MEISINGER

A propósito, você está linda.

MANUELE CAVALHAIS

Obrigada.

CENA 3. INT. CARRO DE CLARK MEISINGER. TARDE

3

INSERT:

A "luz" vermelha de um semáforo se acende e o carro de Clark para em frente o semáforo.

VOLTA À CENA

Imagem da mão de CLARK engrenando a primeira marcha.

MANUELE verifica as unhas.

MANUELE CAVALHAIS

Ainda acho um pouco... estranho.

(CONT.)

CLARK MEISINGER

O que é estranho?

MANUELE CAVALHAIS

TODO O DINHEIRO que me ofereceu. Muita coisa. Cá entre nós, é estranho.

CLARK MEISINGER

Já expliquei quando te conheci que homens de bom gosto sabem diferenciar belezas vulgares de belezas raras.

MANUELE CAVALHAIS

(com um sorriso tímido)

Não sou uma raridade.

Clark aponta para uma linda mulher que passeia na calçada e a câmara em movimento segue a mulher caminhando elegantemente pela calçada.

CLARK MEISINGER (O.S.)

Olhe ali. Ela é bela e sofisticada. Percebe como anda? Os passos. Os movimentos do corpo. Toda cheia de orgulho.

Close no rosto de Clark. Ele continua olhando para a mulher que anda pela calçada.

CLARK MEISINGER (CONT.)

Sabe o porquê ela se comporta assim?

Clark desvia o olhar para o rosto de Manuele.

INSERT:

O semáforo torna-se verde.

(CONT.)

VOLTA À CENA

Clark coloca o carro novamente em movimento.

Imagem da mão de Clark engrenando a segunda e terceira marcha.

CLARK MEISINGER

Ela age assim porque acredita que todos olham para ela. Está convicta de que é a mais bela da cidade. O próprio orgulho não a deixa perceber as milhões iguais. Além de ordinária, é cega.

Manuele deixa escapar um sorriso.

CLARK MEISINGER (CONT.)

Você é diferente. É mais bela e diferente das mulheres egocêntricas. Sabe o que vejo em você? Vejo uma mulher tímida, como uma garota de 12 anos que foi rejeitada por alguém e o odeia por isso.

Manuele aparenta ser tocada pelas palavras de Clark.

MANUELE CAVALHAIS

Aonde você quer chegar com estas palavras?

CLARK MEISINGER

(rindo)

Calma. Fiz uma observação apenas. Estou errado?

Close na expressão de Manuele. Ela não responde a pergunta.

CLARK MEISINGER (O.S.)

Mas não considere o que disse ser uma fraqueza. Talvez seja o estimulante para viver em uma realidade difícil. Estou errado de novo?

MANUELE CAVALHAIS

Não. Não está. Afinal, todos nós já fomos abandonados pelo menos alguma vez na vida...

(CONT.)

MANUELE MEISINGER (CONT.)

(com um sorriso TRISTE. Direcionando um olhar para o rosto de Clark)

Isso nunca aconteceu com você?

O perfil do rosto de Clark surge na tela. Ele aparenta ser pego de surpresa pela pergunta de Manuele. Olha surpreso para ela e disfarça a surpresa voltando os olhos para o asfalto.

CLARK MEISINGER

Sim.

MANUELE CAVALHAIS

Como vê, todo mundo já foi abandonado. Quem te deixou?

Clark encara com seriedade o rosto de Manuele.

CLARK MEISINGER

Meu pai e minha mãe. Ele foi assassinado. Ela... ela... bem, deixa isso pra lá.

Manuele arrepende-se de sua pergunta.

MANUELE CAVALHAIS

Me... me desculpe. Eu não sabia. Eu... sinto muito. Me perdoe.

CLARK MEISINGER

Não se desculpe. Fui eu quem começou.

Silêncio.

Imagem do asfalto através do para-brisa do carro.

CENA 4. EXT. EMPRESA MEISINGER. TARDE**4**

A FACHADA da empresa Meisinger surge na tela.

O automóvel de CLARK entra pelos portões da empresa.

CLARK MEISINGER (V.O.)

É aqui.

CENA 5. INT. EMPRESA MEISINGER. ESTACIONAMENTO.**5**

O carro de CLARK MEISINGER percorre o estacionamento da empresa Meisinger até estacionar em sua vaga.

CLARK MEISINGER (V.O.)

Vamos. Já devem estar me esperando.

A porta do carro se abre. MANUELE e CLARK saem do carro.

INSERT:

A mão de Clark empurra a porta do carro

CENA 6. IMAGEM AÉREA DA CIDADE. TARDE.**6**

A imagem do alto da cidade; região central. A imagem se afasta dos prédios e aproxima-se de um bairro afastado.

Simultaneamente à imagem do alto da cidade, ouve-se o diálogo entre CLARK MEISINGER e MANUELE CAVALHAIS. Ouve-se também o ruído dos sapados de Manuele chocando-se contra o chão e ecoando ao longo de um corredor.

CLARK MEISINGER (V.O.)

Ei! Não precisa ficar nervosa ou com vergonha. Já disse. Só tem velhos nos esperando para a reunião e eles não mordem com suas dentaduras velhas.

(CONT.)

MANUELE CAVALHAIS (V.O.)

Não estou nervosa.

CLARK MEISINGER (V.O.)

Que bom. Mas parece que está.

Ouve-se mais alguns passos no corredor.

Silêncio.

CLARK MEISINGER (V.O.)

Chegamos.

Nesse momento a câmera, que filma o alto da cidade, desce, aproximando-se da entrada da empresa Meisinger.

CENA 7. INT. SALA DE REUNIÕES. EMPRESA MEISINGER. TARDE

7

A mão de CLARK apanha a maçaneta de uma porta.

O rosto de Clark surge em close.

CLARK MEISINGER

É aqui. E já disse, não fique nervosa.

A mão de Clark gira a maçaneta.

A porta se abre.

Alterna-se a imagem da porta se abrindo com a imagem de uma mesa cercada de senhores vestindo belos ternos. Todos olham assombrados na direção da porta que se abrija.

Pela primeira vez MANUELE aparece na cena. Primeiramente, a câmera filma os sapatos de Manuele, em seguida câmera sobe gradativamente até focar em seu rosto. ELA APARENTA ESTAR NERVOSA e controla o nervosismo com um sorriso.

Com um sorriso falso, Clark entra na sala e se aproxima de uma poltrona desocupada.

(CONT.)

CLARK MEISINGER

Boa tarde a todos.

Todos respondem com certa confusão e Clark, percebendo que os velhos não desviam os olhos de Manuele, sorri.

O sorriso de Clark se fecha no momento em que seus olhos se fixam em uma poltrona desocupada.

As mãos de Clark apertam o encosto da poltrona enquanto ele tenta disfarçar a frustração.

Ele percebe os olhares confusos de todos e acaba sorrindo.

Suas mãos largam o encosto da poltrona, que fica com a marca de seus dedos no couro.

CLARK MEISINGER

Bem, senhores, gostaria de apresentar Manuele.

Com timidez, Manuele apenas sorri e acena, cruzando um olhar pela face de todos.

CLARK MEISINGER

Manuele é uma amiga minha e vai nos acompanhar na reunião.

Clark aproxima-se de Manuele e afasta a poltrona desocupada para que ela se sente.

Assim que Manuele se senta, Clark volta para sua poltrona e também se senta. Ele corre um olhar pela face de todos.

Em close, os punhos de Clark voltam a se comprimirem, como se ele controlasse a raiva.

CLARK MEISINGER

Bem, vejo que está faltando um de nossos associados. Mas o absenteísmo é comum da parte dele e não nos admiremos com isso, não é mesmo?!

Alguns dos senhores riem.

(CONT.)

Close na expressão de Manuele. Ela deixa transparecer que se sentira aliviada em não encontrar seu pai EDUARDO naquela sala.

CLARK MEISINGER

Bom, presumo que os senhores já devem estar sabendo o motivo da reunião? Tudo o que encontrei de errado em anos de trabalho, desejo agora compartilhar com os senhores. Tenho algumas ideias e tudo o que irei propor é em busca de melhorias. Quero mudanças repentinas e espero isto de vocês. O que decidem, me ajudarão?

Um dos acionistas, de nome ANDRÉ VIEIRA, levanta a mão. André Vieira é um senhor magro, grisalho, com aproximadamente 60 anos.

ANDRÉ VIEIRA

Desculpe, Clark, mas não estou entendendo muito bem. O que você sugere em relação a melhorias e o que deve ser alterado na empresa? E você diz respeito a que setor da empresa?

CLARK MEISINGER

Melhorias e mudanças? É isso que lhe interessa senhor Vieira?

ANDRÉ VIEIRA

Foi você quem acabou de dizer. O que você propõe, Clark?

CLARK MEISINGER

Bem, os problemas que encontrei não foram em apenas um setor. Foi em toda a empresa. Respondendo a sua pergunta, André, o que tenho a propor são mudanças desde a compra de matéria prima até a logística, por isso precisamos visitar a fábrica AGORA. É lá onde visualizaremos os problemas.

POV DE CLARK MEISINGER

Imagem da poltrona desocupada do outro lado da mesa.

(CONT.)

CLARK MEISINGER (O.S.)

E talvez o senhor Eduardo possa também ser encontrado.

Todos riem.

Close no rosto sorridente de SIDNEY NENSER, um dos acionistas da empresa. Diferente de André Vieira, Sidney Nenser é um senhor gordo, com 50 anos ou um pouco mais, é calvo e com um bigode grisalho e um tanto CÔMICO.

SIDNEY NENSER

Se não o encontrarmos, podemos esperar ele no átrio às cinco horas.

Todos riem novamente.

CLARK MEISINGER

Bem lembrado, Sidney. Eduardo é pontual apenas para o cafezinho das cinco antes de ir embora.

A expressão de Manuele parece ficar preocupada.

ANDRÉ VIEIRA

Bem, então vamos observar o andamento da fábrica, desde a chegada de matéria até o empacotamento.

Close no rosto sorridente de Clark.

CLARK MEISINGER

Isso mesmo, André. Hoje iremos dar um longo passeio pelos corredores de empresa. Tenho certeza, encontraremos tudo o que procuramos.

CENA 8. INT. FÁBRICA DA EMPRESA MEISINGER. TARDE.**8**

Imagem do interior de uma empresa, câmera em ângulo baixo, ao nível do chão, em um longo corredor. Operários uniformizados trabalham nas laterais do corredor e ao fundo um agrupamento de homens engravatados que caminham, observam e apontam para diversos locais da empresa. NÃO SE OUVE O QUE ELES CONVERSAM, apenas o ruído de máquinas em funcionamento. Os senhores que caminham pelo corredor são os ACIONISTAS da empresa Meisinger da cena anterior.

De mãos dadas, MANUELE CAVALHAIS e CLARK MEISINGER caminham entre eles.

Ainda em ângulo baixo a imagem aproxima-se GRADATIVAMENTE do grupo de homens.

A EXPRESSÃO ORGULHOSA de Clark surge em close.

CLARK MEISINGER

Admirada?

MANUELE CAVALHAIS

Porque estaria?

CLARK MEISINGER

Costuma acontecer com a maioria das pessoas ao entrar pela primeira vez na Meisinger?

Clark olha com orgulho a sua volta.

MANUELE CAVALHAIS

Muros, máquinas... Nada disso me impressiona.

CLARK MEISINGER

E o que te impressionaria?

MANUELE CAVALHAIS

Não sou de me impressio...

(CONT.)

Antes de Manuele concluir, um homem com uniforme de operário esbarra em Manuele e deixa cair algumas caixas no chão.

Seu nome é CLEISON BOYLE. Cleison é moreno, forte e tem uma expressão tão séria a ponto de ser quase intimidante. Cleison usa um BONÉ que faz parte do uniforme da empresa e que escurece parcialmente seu rosto.

Manuele se espanta ao fitar o rosto Cleison, como se o conhecesse de algum lugar, mas parece não lembrar exatamente de onde. CLEISON parece também ficar espantado ao olhar para ela, como se também a conhecesse.

MEIO ATRAPANHADO, Cleison apanha as caixas do chão. E enquanto apanha as caixas, Cleison olha para Clark. Eles trocam um olhar, e essa RÁPIDA troca de olhares causa a impressão de que ELES JÁ SE CONHECEM E TEM ATÉ CERTA INTIMIDADE.

Assim que Cleison se afasta, Clark fica desconfiado e olha para Manuele.

CLARK MEISINGER

Tudo bem?

MANUELE CAVALHAIS

Sim. Acho... Acho que conheço aquele homem.

Manuele disfarça e sorri.

MANUELE CAVALHAIS (CONT.)

Deixa pra lá! E você? Parece que está procurando por alguém.

CLARK MEISINGER

Sim. Eduardo. Um de nossos sócios. Ele deveria estar na reunião.

Clark sorri como que "pego" por uma ideia. Ele olha para o relógio. Close no relógio no pulso de Clark indicando 16:45.

(CONT.)

INSERT: ÁTRIO (RECEPÇÃO) DA EMPRESA MEISINGER.

Como uma rápida lembrança de Clark, surge a imagem de EDUARDO RADMIM tomando café em um copinho de plástico no átrio do prédio da empresa. Próximo de Eduardo, na parede, UM RELÓGIO INDICA 16:45.

VOLTA À CENA

CLARK MEISINGER

Sabe de uma coisa?

Clark olha para o rosto de Manuele.

CLARK MEISINGER (CONT.)

Temos algo melhor para fazer HOJE. Acredito que eles possam resolver isso sozinhos. Afinal, eu já passei a eles todas as diretrizes.

Manuele não fala nada.

O grupo de acionistas está afastado, e todos conversam com empolgação.

Manuele aproxima os lábios ao ouvido de Clark.

MANUELE CAVALHAIS

Como quiser.

Clark ri ao ouvir o comentário de Manuele e acelera os passos. Logo eles se aproximam do grupo de acionistas.

Clark toca no ombro do acionista SIDNEY NENSER. Sidney olha para Clark com expressão reprovativa e um tanto amolada, como se Clark acabasse de interrompê-lo.

Assim como Sidney, todos os acionistas param de conversar e olham para Clark.

CLARK MEISINGER

Sidney, precisamos sair. Tenho alguns problemas para resolver ainda hoje e peço que anotem os problemas para tratarmos na próxima reunião.

(CONT.)

SIDNEY NENSER

Tudo bem, Clark. Na segunda conversaremos sobre a próxima reunião.

CLARK MEISINGER

Ótimo. Até mais, senhores.

Após despedir-se dos acionistas, Clark se afasta de mãos dadas com Manuele.

CENA 9. INT. EMPRESA MEISINGER. ÁTRIO (RECEPÇÃO).

9

CLARK e MANUELE chegam ao átrio da empresa.
Clark olha para alguns sofás nos cantos do átrio.

POV DE CLARK

Não há ninguém sentado nos sofás.

Ao lado do sofá há uma mesa onde há uma térmica com café.

Ao lado da térmica, um copo plástico está vazio, com uma pequena sobra de café no fundo.

VOLTA À CENA

Uma FAXINEIRA aproxima-se após ultrapassar uma porta. É uma mulher ainda jovem, baixa, morena clara e um pouco gorda.

Ela aproxima-se da mesa e apanha o copo plástico.

Ao lado da mesa há uma lixeira, onde a faxineira joga o copo plástico.

FAXINEIRA

(jogando o copo na lixeira)

Seu Eduardo sempre desorganizado.

CLARK MEISINGER

Ele esteve aqui?

(CONT.)

FAXINEIRA

Acabou de sair, senhor Clark. Faz uns 5 minutos.

Imagem do relógio indicando 17:05.

Clark controla a frustração e olha para Manuele.

Manuele aparenta estar desconfiada.

MANUELE CAVALHAIS

Por que precisa conversar tanto com esse Eduardo?

CLARK MEISINGER

É um dos acionistas mais influentes da empresa. Mas às vezes é irresponsável. Há dias que preciso falar com ele. Mas nem o celular ele atende.

Close na expressão desconfiada de Manuele.

Clark percebe que sua resposta não fora convincente.

Ele analisa a beleza de Manuele e sorri.

CLARK MEISINGER

Sabe de uma coisa? Vamos embora desse lugar.

MANUELE CAVALHAIS

(formando um sorriso)

Claro.

CENA 10. INT. CARRO DE CLARK MEISINGER. TARDE.

10

CLARK dirige o carro no pátio da empresa Meisinger. MANUELE está sentada ao seu lado.

O carro estaciona próximo dos portões de saída da empresa.

POV DE CLARK

Através do pára-brisa, os portões automaticamente se abrem.

(CONT.)

VOLTA À CENA

Clark olha para Manuele com um sorriso.

CLARK MEISINGER

Pra onde deseja ir?

MANUELE CAVALHAIS

(sorridente)

Já disse. Você decide. E pelo jeito você tem bom gosto.

Os portões terminam de se abrir e Clark põe o carro em movimento.

CENA 11. INT. CARRO DE CLEISON. TARDE.

11

CLEISON BOYLE está dentro de um carro estacionado no acostamento da rua, próximo dos portões da empresa Meisinger.

Cleison está visivelmente nervoso e mantém os olhos no portão de veículos da empresa e fuma um cigarro. Ele aguarda algum carro sair pelos portões.

Sob o banco ao lado está o BONÉ da empresa Meisinger.

POV DE CLEISON

O portão se abre e o carro de CLARK MEISINGER sai do interior da empresa para a rua.

VOLTA À CENA

Ao perceber o automóvel de Clark, Cleison joga a guimba do cigarro pela janela e dá partida em seu carro.

Em ângulo baixo, a câmera filma o carro de Cleison se afastando do local onde estava estacionado.

INSERT:

A guimba do cigarro cai no chão.

CENA 12. INT. CARRO DE CLARK. / NOITE.

12

Face de CLARK MEISINGER em close. Ele olha para o asfalto à frente do para-brisas enquanto dirige o carro. MANUELE está ao seu lado. Ela esfrega os braços com as mãos, como se estivesse com frio. Clark percebe e desliga o ar condicionado do carro.

Uma música suave repercute no interior do carro.

CLARK MEISINGER

Adoro as ruas.

Manuele não responde.

CLARK MEISINGER

Está tudo bem? Por que está tão calada?

Novamente Manuele não responde e ri.

CLARK MEISINGER

(com um meio sorriso)

Falei algo de errado?

MANUELE CAVALHAIS

Não. O engraçado é que todos fazem a mesma pergunta. Você foi quem mais demorou pra fazer. Sou calada assim mesmo. E também adoro as ruas.

INSERT:

Imagem frontal do carro. Os faróis iluminam a rua escura, cercada pelas árvores.

CLARK MEISINGER (O.S.)

Sabe o que vejo nas ruas? Ligações. Milhões de pessoas andam por asfaltos ligados a este.

(CONT.)

MANUELE CAVALHAIS

E sabe o que eu vejo? Medo. Eu não vejo. Eu sinto. Me causa arrepios toda vez que estou em estradas. Sempre tenho a impressão de estar sendo seguida.

CLARK MEISINGER

Mas você disse que gosta das ruas.

MANUELE CAVALHAIS

(sorrindo)

Mas você não me perguntou se gosto de sentir medo.

CLARK MEISINGER

É. Não perguntei mesmo. Gosta de sentir medo?

MANUELE CAVALHAIS

Não. Gosto de me sentir viva.

INSERT:

A câmera filma o carro se afastando. A câmera sobe em sentido horizontal e "foca" a fachada de um motel, em ângulo alto.

CENA 13. INT. CARRO DE CLEISON BOYLE. RUA. NOITE.

13

CLEISON BOYLE dirige o carro. Seus lábios parecem formar um sorriso insano enquanto olha para o asfalto.

INSERT:

Imagem dos pneus girando sobre o asfalto.

VOLTA À CENA

Cleison pressiona um botão no rádio do carro e uma música antiga começa a ser reproduzida.

Close nos olhos de Cleison. Eles parecem estar vermelhos e cheios de ódio.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

Demorei pra te achar, vaga... sua vagabundinha!
Hoje... você vai pagar... E você também, Clark...

CENA 14. RUA. PARADA DE ÔNIBUS. NOITE (FLASHBACK)

14

18 DE OUTUBRO DE 2013. SEXTA-FEIRA.

Surge na tela o rosto de CLEISON BOYLE em outro ambiente.

Cleison aparenta ser um homem benevolente, mais jovem do que na cena anterior, com uma expressão um tanto carismática e está bem vestido com ROUPAS SOCIAIS. Seus cabelos estão bem penteados para trás.

CLEISON está embaixo da cobertura de uma parada de ônibus.

CLEISON BOYLE

Quem que por uma simples discussão se rebaixa tanto
se não estivesse amando?

MANUELE CAVALHAIS está ao seu lado. Ela está bem mais nova do que nas cenas anteriores. Aparenta estar com aproximadamente 16 ou 17 anos e não usa maquiagem, o que a torna sua aparência ainda mais ingênua. Ela veste um conjunto de moletom parecido com um uniforme escolar e carrega uma MOCHILA nas costas.

Manuele analisa Cleison Boyle.

MANUELE CAVALHAIS

Quem é você?

Imagem do rosto sorridente de Cleison Boyle olhando para Manuele.

CENA 15. INT. CARRO DE CLEISON BOYLE. RUA. NOITE.

15

A imagem sorridente de CLEISON BOYLE da cena anterior se apaga e surge o rosto dele dirigindo o carro. Ele sorri e seu sorriso deixa transparecer sua personalidade malévola e doentia.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

Quem sou eu? Você logo vai descobrir, sua puta!

A mão de Cleison apanha o câmbio do carro e reduz da 4 para a 3 marcha.

A imagem da mão de Cleison trocando a marcha é substituída pela imagem frontal do carro e os faróis iluminando o asfalto.

CENA 16. INT. QUARTO DE MOTEL. NOITE.

16

Imagem interna de um quarto de motel.

A porta se abre e MAMUELE entra sendo seguida por CLARK. Ele fecha a porta, retira o paletó e o coloca sobre uma cômoda.

Manuele contempla o quarto e volta-se para Clark.

Ele se aproxima e a abraça.

Uma cortina é soprada por uma brisa que entra pela janela entreaberta.

Manuele se desvincula dos braços de Clark e se afasta na direção da janela.

MANUELE CAVALHAIS

(esfregando os braços)

Tá frio.

Imagem das mãos de Manuele fechando a janela. Imagem da tranqueta sendo também fechada PELO LADO DE DENTRO DO QUARTO.

Após ter fechado a janela, Manuele caminha até Clark e descansa as mãos sobre os ombros dele.

MANUELE CAVALHAIS

(com um sorriso)

Agora tá melhor.

(CONT.)

CLARK MEISINGER

(insinuante)

Bem melhor.

As mãos de Clark apertam a bunda de Manuele.

Ela sorri de forma insinuante e empurra Clark. Ele se deixa cair deitado na cama.

Deitado, COM AS MÃOS SOB À CABEÇA, Clark observa Manuele se aproximar e subir de joelhos na cama.

Ela aproxima-se dele mantendo-o entre as pernas, e o beija na boca.

CLARK MEISINGER

Você é rápida. Que pragmatismo.

MANUELE CAVALHAIS

Só sei que não se leva uma garota de programa em um motel para... sei lá... jantar. E chega de palavras difíceis. Isso brocha.

CLARK MEISINGER

Sério?

MANUELE CAVALHAIS

Sério. Na verdade, qualquer palavra brocha nessa hora.

Manuele aproxima-se de Clark para beijá-lo.

INESPERADAMENTE, o FRAGOR DE VIDRO SENDO QUEBRADO invade o quarto.

Os dois se sobressaltam e olham para a janela.

Uma arma surge por entre o buraco feito no vidro.

Instintivamente, Manuele pula da cama e corre na direção da porta.

Ela para ao ouvir a voz do homem que ainda está ao lado de fora do quarto. O homem é CLEISON BOYLE, que seguira os dois desde que saíram da empresa Meisinger.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

Não! Não! Nem pense nisso! Ou estoro sua cabeça,
sua vadia!

Manuele fica sem ação e olha para Clark.

Apavorado, Clark também fica sem ação, com um verdadeiro covarde,
encolhido sobre o colchão.

Close na tranqueta da janela, deixando o telespectador ciente de
que a janela pode ser aberta apenas pelo lado de dentro do
quarto.

Close em seu rosto entre o buraco do vidro.

CLEISON BOYLE

(ríspido)

Agora abra a janela!

MANUELE CAVALHAIS

Mas... o que você quer?

POV DE MANUELE

Imagem do rosto escurecido do assassino por entre o buraco no
vidro e a arma sendo movimentada, como um gesto de ordem.

CLEISON BOYLE

Abra a janela! Agora! Não vou pedir de novo.

CENA 17. INT. QUARTO DE MOTEL.

17

FADE IN

OLHANDO PARA A CÂMERA, o rosto de CLARK MEISINGER surge em close.
Está machucado, como se tivesse sido socado com brutalidade na
face. Seus olhos apavorados estão vermelhos e deles saem lágrimas
de PAVOR.

A câmera se afasta da face de Clark. Ele está sentado no chão do
quarto, ao lado da cama. Suas mãos estão amarradas juntas, assim
como seus pés. Algo muito trágico tivera acontecido.

(CONT.)

POV DE CLARK

A silhueta do corpo de MANUELE deitado na cama. CLEISON BOYLE surge na cena. Ele sobe na cama e ajoelha-se sobre o colchão, mantendo a vítima entre suas pernas.

Cleison usa um sobretudo escuro e segura um punhal.

Cleison levanta o punhal, segurando-o com as duas mãos.

Clark deixa escapar um gemido de PAVOR no exato momento em que o assassino arremete o punhal contra o corpo de Manuele.

VOLTA À CENA

Em close, os olhos de Clark se abrem apavorados.

POV DE CLARK

O assassino "para" de trucidar a vítima e descansa os braços, como se estivesse empenhado muito esforço, e respira profundamente, como se estivesse cansado.

Em seguida, Cleison coloca o punhal dentro do bolso do sobretudo e pula para fora da cama. Ele circula a cama e aproxima-se de Clark.

VOLTA À CENA

Close na expressão apavorada de Clark observando Cleison se aproximar.

Cleison se aproxima, e com uma força descomunal ele levanta Clark puxando-o pelo seu braço, próximo dos ombros.

Clark fica em pé. Ele olha para a cama e seus olhos se apavoram ainda mais ao ver o corpo de Manuele, QUE NÃO APARECE NESSA CENA.

Close nas mãos de Clark, elas estão amarradas na "altura" dos pulsos.

CLEISON BOYLE

Levanta as mãos *pra cima!*

Sem desviar os olhos da cama, Clark, chocado, não fala nada.

Por sua vez, IMPACIENTE, Cleison levanta as mãos de Clark com facilidade, deixando os braços esticados para cima.

(CONT.)

Com os braços esticados, o assassino fica por trás de Clark, e num gesto rápido que colocará fim à cena, ele puxa os dois braços de Clark para trás, fazendo com que muitos ossos se desloquem.

É audível o ruído dos ossos se quebrando.

A cena termina com um grito de dor de Clark e a imagem de ele caindo sentado novamente onde estava.

CENA 18. INT. CENTRAL 190. NOITE.

18

Uma JOVEM está sentada atrás da tela de um computador.

O ambiente se trata da central 190. A jovem atente uma chamada de emergência.

ATENDENTE

Plantão 190. Qual é a emergência?

INSERT: TELEFÔNE PÚBLICO. NOITE.

Os lábios risonhos de CLEISON BOYLE falando em um telefone público ao lado de uma rodovia.

CLEISON BOYLE

Quero anunciar um assassinato. No motel Brandy. Na suíte número 13.

VOTA À CENA

Mantendo-se calma, a atendente não demonstra atenção ao que ouvira. Aparenta acreditar na possibilidade de um trote.

ATENDENTE.

Preciso que fique calmo, senhor. Agora preciso saber com quem estou falando.

INSERT: TELEFÔNE PÚBLICO. NOITE.

Os lábios de Cleison Boyle sorriem enquanto fala.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

(com frieza e calma)

O assassino. Eu a matei. No motel Brandy.

VOLTA À CENA

A expressão calma da atendente torna-se SURPRESA e ATÔNITA ao escutar o assassino romper a chamada.

INSERT: TELEFÔNE PÚBLICO. NOITE.

Ao nível do chão, a câmera filma o carro de Cleison Boyle saindo em movimento, próximo de um telefone público à beira da rodovia.

Dentro do carro, Cleison amassa uma carteira de cigarros vazia e a joga para fora do carro.

Em close, a carteira de cigarros cai ao lado da rodovia.

CENA 19. INT. QUARTO DE ALBERTO COOPER. NOITE.

19

Em ambiente escuro, um relógio indica 3 horas e 30 minutos. Próximo ao relógio há um telefone celular.

O telefone celular toca e desperta o investigador ALBERTO COOPER, um homem de aproximadamente 50 anos, corpulento, com vasta barba e cabelos grisalhos bem cortados. Alberto está deitado sozinho em uma cama, em um quarto apertado e iluminado pela claridade da rua que entra pela janela.

Uma cortina ondula pela brisa que entra pela janela entreaberta.

Sonolento, Alberto atente a chamada.

ALBERTO COOPER

Alô.

Alberto escuta alguém falando no celular.

ALBERTO COOPER

Sim, o que houve desta vez?

(CONT.)

Enquanto escuta algumas palavras, ele se põe sentado na cama.

ALBERTO COOPER

Que novidade! Mas foi bom você ter me ligado.
Continue.

Após ouvir mais algumas palavras, ele conclui:

ALBERTO COOPER

Tudo bem. TENTE manter todos fora do local. Logo
chego aí. Qual é o endereço mesmo?

CENA 20. EXT. QUARTO DE MOTEL. MADRUGADA.

20

Intercala-se a última cena com a imagem do motel em que
aconteceu o crime.

O carro de Alberto Cooper para em frente a esse motel.

Várias viaturas policiais e uma do SIATE E OUTRA DO SAMU estão
estacionadas em frente ao motel.

Alberto entra no pátio do motel. Ele caminha até uma suíte onde,
do lado de fora, algumas pessoas conversam. Algumas pessoas são
clientes do motel e estão ali apenas por curiosidade.

Alberto, esquivando-se das pessoas que circulam, aproxima-se da
porta onde um policial o observa aproximar-se, como se estivesse
esperando-o.

Trata-se do POLICIAL MARCOS, um homem de uns 30 anos, um pouco
baixo e um tanto acima do peso, com um bigode que o faz parecer
um tanto mexicano. Marcos já conhece o investigador Alberto
Cooper.

MARCOS

(com um sorriso)

Nossa! Quanta rapidez.

Alberto não fala nada e Marcos, desconcertado, pigarreja e fecha
o sorriso.

(CONT.)

MARCOS

Não tocamos no corpo. Não imagina como foi difícil
foi manter todos lá fora.

ALBERTO COOPER

Faça por merecer a insígnia de capitão, meu caro.

Pela segunda vez Marcos mostra-se desconcertado, olhando para o
chão.

CENA 21. INT. QUARTO DE MOTEL. MADRUGADA.

21

Sendo seguido por MARCOS, ALBERTO COOPER entra no quarto e logo
se espanta ao observar o cadáver sobre a cama.

POV DE ALBERTO

O cadáver de Manuele está sobre a cama, todo envolto por sangue e
com o vestido rasgado ao meio.

VOLTA À CENA

Após a imagem do corpo, surge na tela o rosto apavorado de
Alberto.

ALBERTO COOPER

Meu... Deus!

Alberto pressiona os dedos sobre os olhos e cala-se. Após alguns
segundos, ele volta-se para o capitão Marcos.

ALBERTO COOPER

Quem é?

MARCOS

Não sabemos. Você pediu para que não tocássemos no
corpo e os peritos ainda não chegaram.

(CONT.)

Alberto aparenta relembrar de seu pedido e concorda com um gesto de cabeça.

ALBERTO COOPER

Ótimo. E...

Alberto alterna um olhar entre o corpo e a face de Marcos.

ALBERTO COOPER (CONT.)

Ela estava sozinha?

MARCOS

Isso é um motel! Quem estava com ela sobreviveu e foi levado a um hospital antes de você chegar. Eu o vi. Estava mais em choque do que machucado.

ALBERTO COOPER

Não tiro a razão dele.

Alberto circunda a cama observando o cadáver de Manuele.

POV DE ALBERTO (Enquanto caminha ao redor da cama)

O vestido de Manuele está cortado ao meio, a única evidência de que aquele corpo pertence a uma mulher além dos cabelos compridos e os seios aparentes;

Profundos cortes no rosto e nos lados da boca aberta, aumentando o tamanho do ricto, são perceptíveis;

As marcas acima e abaixo dos lábios denunciam claramente que fora amordaçada antes de ser assassinada;

As mãos amarradas juntas estão presas à cabeceira da cama, assim como os pés estão amarrados na traseira da cama;

A região do abdômen foi onde o assassino mais arremeteu golpes de punhal, pois está horrivelmente estraçalhado e coberto de sangue coagulado;

Os olhos de Manuele estão abertos e num brilhantismo vívido e sensibilizante.

(CONT.)

VOLTA À CENA

Alberto aproxima-se de uma cômoda onde sobre ela se encontra uma bolsa feminina próxima a um paletó.

Alberto retira do bolso do sobretudo um par de luvas. Veste-as e abre a bolsa sem retirá-la da cômoda. Após abrir cuidadosamente a bolsa, Alberto retira uma carteira feminina.

INSERT:

Imagem da face de Marcos observando Alberto.

VOLTA À CENA

Alberto abre a carteira e retira dela uma identidade.

Em close, a expressão de Alberto tornar-se confusa.

Imagem da mão de Alberto segurando a identidade de Manuele Radmim Cavalhais.

Marcos percebe a reação do investigador.

MARCOS

Tudo bem?

Alberto parece não escutar a pergunta e coloca o documento na bolsa da qual o retirara.

ALBERTO COOPER

Com quem ela estava?

MARCOS

Clark Meisinger.

ALBERTO COOPER

(surpreso)

O quê? Está me dizendo que ela estava com o Clark Meisinger, o presidente da empresa Meisinger?

(CONT.)

MARCOS

Ele mesmo. E quanto à garota, parece que já ouviu um nome parecido.

Alberto cruza um olhar pelo ambiente.

ALBERTO COOPER

O sobrenome não me era estranho até você falar em Clark Meisinger.

Alberto olha com seriedade para Marcos.

ALBERTO COOPER (CONT.)

Acredito que o pai dessa garota tem ações na Meisinger. Eduardo Radmim. Ou talvez o sobrenome seja apenas uma coincidência. Não sei.

Close na expressão de Marcos ficar entre confusa e impressionada. Alberto aproxima-se de Marcos.

ALBERTO COOPER

E..., estou tendo a impressão de que Clark também tem um pouco de culpa na morte dessa garota.

MARCOS

Se isso aí é uma garota.

ALBERTO COOPER

A identidade é de uma garota.

Alberto dá uma pausa. Olha mais uma vez para o corpo sobre a cama e volta-se para o policial Marcos.

ALBERTO COOPER

E então, ninguém viu nada? Ninguém escutou nada?

(CONT.)

MARCOS

Perguntei a alguns casais que ocupavam alguns quartos e me parece que ninguém escutou um ruído sequer.

ALBERTO COOPER

Tudo bem. E pelo que parece, não há câmeras externas no motel. Tudo pra ajudar.

Alberto sopra ar pela boca e olha para o rosto da Manuele. Os olhos do investigador parecem captar algo.

POV DE ALBERTO

Os lábios de Manuele estão entreabertos.

Ao lado do rosto de Manuele está um pedaço de fita adesiva que já fora usada e removida em seguida, manchada de sangue.

VOLTA À CENA

Alberto, ainda com as luvas, aproxima-se e abre cuidadosamente os lábios de Manuele, de onde retira um pedaço de papel dobrado que fora colocado sob a língua.

Cuidadosamente, as mãos de Alberto desdobram o papel.

No papel há um desenho.

A expressão de Alberto torna-se apalermada.

MARCOS

(observando a reação de Alberto)

Tudo bem?

ALBERTO COOPER

Sim... tá tudo bem.

Marcos forma um olhar curioso observando Alberto segurar um papel.

(CONT.)

MARCOS

Encontrou algo?

ALBERTO COOPER

Parece um desenho.

MARCOS

(confuso)

Desenho? E significa alguma coisa?

ALBERTO COOPER

(olhando para o papel)

Não sei. Mas... tenho a impressão de que já me deparei com ele antes.

Alberto dobra o papel novamente e coloca ao lado do rosto de Manuele, próximo da fita adesiva manchada de sangue.

ALBERTO COOPER

Ele amordaçou ela antes de matá-la. Depois removeu a fita para colocar esse desenho na boca. Mas por quê fez isso?

O policial Marcos ameaça abrir a boca para fazer um comentário, mas um homem o interrompe entrando no quarto. Seu nome é JOÃO LOPES, parceiro de Alberto nas investigações. João Lopes é moreno claro, um pouco baixo, gordo, e seus olhos são castanhos. João aparenta estar com aproximadamente 50 anos.

João Lopes cumprimenta Marcos com um gesto a caminha na direção de Alberto.

Ao aproximar-se, João Lopes desvia os olhos para a cama.

Da mesma forma que Alberto, os olhos de João Lopes se abrem apavorados.

JOÃO LOPES

Meu Deus! Alguém pode me dizer o que merda é essa?

(CONT.)

ALBERTO COOPER

Essa merda é pra ser o corpo de uma mulher. Você ficará surpreso ao saber de quem ela é filha e com quem estava.

Imagem do corpo de Manuele.

JOÃO LOPES (O.S.)

Diga.

ALBERTON COOPER

Ela estava com Clark Meisinger. Acho que é filha de Eduardo Radnim. Um dos sócios da empresa Meisinger.

JOÃO LOPES

Sério?

Silêncio.

JOÃO LOPES

Supondo que você esteja certo, que ela seja filha desse Eduardo, o que ela estaria fazendo com Clark?

ALBERTO COOPER

Não sei. Mas precisamos saber o que aconteceu aqui.

CENA 22. INT. GARAGEM DA SUÍTE DO MOTEL. MADRUGADA

22

ALBERTO COOPER e JOÃO LOPES saem do quarto de motel e entram na garagem. A garagem está "um pouco" escura. Alberto aperta um interruptor e uma lâmpada no teto da garagem se acende.

Imagem do carro de Clark Meisinger estacionado.

Alberto aproxima-se do carro. Ele apanha uma lanterna pequena e acende. Com a lanterna, Alberto ilumina o interior do carro. Após observar o interior do carro, Alberto desliga a lanterna.

(CONT.)

ALBERTO COOPER

(insatisfeito)

Nada! Parece que o assassino não veio até a garagem. Nenhuma marca de pegada no chão. Nada no carro...

João Lopes observa calado Alberto se aproximar.

ALBERTO COOPER (CONT.)

Ele deve ter entrado e saído pela janela.

JOÃO LOPES

Não há nenhuma câmera?

ALBERTO COOPER

Pelo menos não por onde o criminoso entrou.

INSERT: uma viatura do IML se aproxima e estaciona em frente à suíte em que ocorreu o crime.

CENA 23. MOTEL. SALA DE MONITORAMENTO. MADRUGADA.

23

Imagem de um sanduíche dentro de um prato sobre uma mesa. Ao lado do prato está o monitor de um computador reproduzindo a imagem de várias câmeras.

Um jovem funcionário do motel está sentado diante o monitor. Seu nome é RODOLFO, é moreno, um pouco gordo e usa óculos redondos.

ALBERTO COOPER e JOÃO LOPES estão em pé atrás de Rodolfo, olhando para o monitor.

A presença dos investigadores deixa Rodolfo intimidado.

RODOLFO

Está câmera aqui...

(CONT.)

Imagem do monitor e do mouse sendo movido pela mão TRÊMULA de Rodolfo. No monitor, o cursor clica sobre a imagem de uma respectiva câmera, que se abre e passa a ser observada unicamente no monitor.

RODOLFO (O.S.) (CONT.)

... é da entrada do motel. É onde os clientes pagam pelo aluguel do quarto.

JOÃO LOPES

E você consegue voltar ao momento em que o carro de Clark entra no motel?

RODOLFO

Claro. Posso fazer isso.

A câmera foca no monitor.

A imagem volta rapidamente ao momento em que o carro de Clark estaciona ao lado da guarita.

ALBERTO COOPER (O.S.)

Pare! Pode "pausar".

A imagem deixa de ser reproduzida.

ALBERTO COOPER

Você consegue dar um zoom?

RODOLFO

Sim.

Imagem do monitor. Obedecendo ao comando de Rodolfo, é feito um zoom no para-brisa do carro de Clark. Através do para-brisa, é perceptível o rosto de Clark Meisinger. Manuele Cavalcanti está sentada ao lado de Clark.

(CONT.)

ALBERTO COOPER (O.S.)

Pode continuar.

RODOLFO (O.S.)

Claro.

A imagem da câmera começa a ser reproduzida. Observa-se através da gravação Clark recebendo a chave da suíte e em seguida o carro entrando no pátio do motel. A última imagem de Clark é de ele falando algo e rindo em seguida. Manuele também ri antes do carro sair de frente da câmera que os filma.

Imagem do rosto de Alberto.

ALBERTO COOPER

Estavam apenas os dois e nem "um outro" carro entrou em seguida. Não há nenhuma câmera gravando a parte de fora do motel?

RODOLFO

Você quer dizer próximo da janela dos quartos?

ALBERTO COOPER

É. Por onde o assassino entrou.

RODOLFO

Não. Infelizmente não temos nada. Nenhuma câmera foi instalada ali. Só tem mato ao lado de fora.

Silêncio

João Lopes morde os lábios enquanto pensa.

JOÃO LOPES

É. Pelo visto vocês tem um sério problema no sistema de segurança do hotel.

Imagem do monitor transmitindo a imagem das câmeras de segurança.

(CONT.)

CENA 24. EXT. INT. DE UM BAR. MANHÃ.**24**

Imagem de REGINALDO CAVALHAIS caminhando pelas calçadas de uma avenida. Reginaldo é um jovem moreno, baixo, magro e de cabelos enrolados. Ele parece exausto. Após andar por algum tempo, ele para em frente um bar e entra.

Do outro lado do balcão, um BALCONISTA gordo e com um bigode grisalho sujo de gordura se aproxima.

BALCONISTA

(grosso/ rústico)

Diga?

REGINALDO CAVALHAIS

(cansado/ preocupado/ triste)

Um café. Pequeno.

O balconista logo o serve e Reginaldo coloca sobre o balcão o dinheiro amassado.

INSERT:

Imagem do dinheiro sobre o balcão.

A mão do atendente apanha o dinheiro.

VOLTA À CENA

BALCONISTA

Mais alguma coisa?

REGINALDO CAVALHAIS

Não. É só isso.

Reginaldo adoça o café toma um gole.

Nesse momento, Reginaldo percebe que um senhor ao seu lado, escorado no balcão, o observa com certa desconfiança.

Close em uma televisão no alto de uma parede transmitindo um TELEJORNAL LOCAL.

(CONT.)

Reginaldo desvia o olhar do senhor para a televisão no momento em que uma notícia começa a ser transmitida.

POV DE REGINALDO

O televisor na parede começa a reproduzir uma matéria sobre um crime.

REPÓRTER

(em frente o motel onde Manuele foi assassinada,
olhando para a câmera)

Na madrugada desta noite, um assassinato ocorreu no Brandy, um motel a 30 quilômetros da cidade. A jovem Manuelle Radmim Cavalhais acompanhava Clark Meisinger, um empresário reconhecido por representar a empresa Meisinger. Segundo informações, Clark foi deslocado com urgência para um Hospital em estado grave. Nas próximas horas...

A voz metálica do repórter diminui e a câmera filma o rosto de Reginaldo.

A xícara que estava em sua mão cai no chão, em câmera lenta.

Ao nível do chão, a câmera filma os pés de Reginaldo no momento em que ele sai correndo do bar.

O balconista meneia a cabeça negativamente.

BALCONISTA

Drogados filhos da puta. A cidade tá cheia deles.

O senhor que está escorado no balcão balança a cabeça, concordando com o comentário do balconista.

SENHOR

A polícia devia prender esses vagabundo.

Imagem de Reginaldo correndo na rua em direção à sua casa. Enquanto corre, Reginaldo MANCA UMA DAS PERNAS.

(CONT.)

CENA 25. INT. VARANDA CASA DE JÚLIA CAVALHAIS. MANHÃ.**25**

O sol surgiu no horizonte.

Um cinzeiro cheio de guimbas de cigarros sobre uma mesa de plástico surge na tela.

Uma mulher idosa, um pouco gorda e grisalha, está sentada em uma cadeira na varanda de uma casa humilde, feita de madeira. Ela está visivelmente AFLITA. Seu nome é JÚLIA CAVALHAIS, é a mãe de Reginaldo Cavalhais e Manuele Cavalhais. Júlia é morena, de cabelos enrolados e usa uma saia e uma camiseta estampada. Júlia olha com apreensão e aflição para a rua.

Ela levanta-se da cadeira ao perceber algum movimento na rua.

POV DE JÚLIA

Ao longo da rua, REGINALDO se aproxima, ainda distante. Ele continua mancando uma das pernas, mas se aproxima rápido e logo sobe as escadas que dá para a varanda, onde Júlia o espera, ansiosa.

VOLTA À CENA

JÚLIA CAVALHAIS

A Manuele, filho? O que houve? O que está acontecendo? Você não explicou nada ontem!

REGINALDO CAVALHAIS

Eu não consegui, mãe?

Reginaldo está chorando.

JÚLIA CAVALHAIS

O que você não conseguiu? O que está acontecendo, Reginaldo?

REGINALDO CAVALHAIS

A Manuele...

Júlia segura o rosto de Reginaldo entre a palma das mãos.

(CONT.)

JÚLIA CAVALHAIS

O que, filho? Me diz o que aconteceu com ela.

REGINALDO CAVALHAIS

Mãe, a Manu... ela tá...

Reginaldo não consegue terminar e abraça sua mãe.

Seu desespero é bem compreendido por Júlia e os dois caem de joelhos e abraçados.

O sol continua a brilhar no horizonte e o pranto dos dois torna-se audível e põe fim à cena.

CENA 26. INT CASA DE EDUARDO. QUARTO. MANHÃ.

26

O ambiente é um quarto ricamente mobiliado.

EDUARDO RADMIM está deitado em sua cama. Eduardo é um homem na casa dos 45 anos, loiro, de pele levemente bronzeada, magro e de estatura mediana. Ao lado de Eduardo, CRISTIANA GRAÇA, sua esposa dorme. Cristiane é uma mulher magra, ruiva e de olhos castanhos.

Eduardo abre os olhos, boceja e estica os braços. Apanha o controle-remoto que está sobre um criado-mudo e liga a televisão.

Esse movimento faz com que Cristiane desperte.

CRISTIANE GRAÇA

(sonolenta)

Meu Deus, Ed. Dá pra desligar isso?

Ele não responde e ela desperta.

Por fim, os dois estão olhando para um mesmo ponto; a TV.

A câmera filma a televisão, onde uma notícia está sendo reproduzida.

REPÓRTER

Há algumas horas eu conversei com o investigador Alberto Cooper, que foi um dos primeiros a avistar o corpo da vítima do assassinato que ocorreu...

(CONT.)

REPÓRTER (CONT.)

esta noite no motel Brandy. Disse ele que a vítima é uma garota de programa de aproximadamente 20 anos que estava acompanhando...

Close no rosto de Cristiane.

CRISTIANE GRAÇA

Você não está num motel e eu não sou uma garota de programa. Desliga isso.

Eduardo não fala nada, olha para Cristiane e volta atenção à notícia.

A câmera volta a filmar a televisão, que reproduz a imagem do repórter no local do crime.

REPÓRTER

...há alguns minutos fiquei sabendo que uma das vítimas foi deslocada ao um hospital da cidade. Mas lamentavelmente Manuelle Radmim Cavalhais não teve a mesma sorte de seu companheiro, o empresário Clark Meisinger. Direto da cena do crime, Jonas Rurgueti.

A expressão de Eduardo torna-se gradativamente confusa e aflita. O controle-remoto cai de sua mão no chão, em slow motion.

CRISTIANE GRAÇA

Tudo bem, Ed? Você tá pálido, amor.

EDUARDO RADMIM

Minha... filha.

CRISTIANE GRAÇA

O que? O que tem sua filha?

(CONT.)

EDUARDO RADMIM

Minha filha... não pode! Morta!

Nesse momento Cristiane percebe o que está acontecendo e olha para a televisão.

Eduardo pula da cama e corre até o banheiro.

CRISTIANE GRAÇA

(surpresa/ deslizando a palma da mão sobre a face)

Meu... Deus!

O fragor de vidro sendo quebrados que vem do banheiro ecoa no quarto.

Ao ouvir, Cristiane pula da cama e corre até o banheiro.

A câmera filma o espelho quebrado.

Eduardo está sentado no chão, com as mãos puxando os cabelos. Uma de suas mãos sangra e o sangue molha os cabelos e escorre pelo seu rosto.

Cristiane ajoelha-se próximo do marido e o abraça.

Eduardo chora.

EDUARDO RADMIM

Minha... filha! O nome dela...

CRISTIANE GRAÇA

Eu ouvi, Ed, meu amor!

EDUARDO RADMIM

Ela... tá morta, Cris. Minha filha.

Cristiane chora enquanto acaricia os cabelos do marido, que, desesperado, pressiona os cabelos entre os dedos.

A câmera aproxima-se do espelho quebrado enquanto Eduardo continua a chorar alto.

A imagem se apaga.

CENA. 27. INT. IML. TARDE.**27**

Imagem externa do prédio do Instituto Médico Legal.
Ruído de uma porta se abrindo.

ALBERTO COOPER (V.O.)

Encontrou alguma coisa?

Imagem em close shot do rosto de MARLENE GONÇALVES. Marlene é uma médica perita do IML. Ainda e jovem, morena, magra, de olhos castanhos claros e de boa aparência, com os cabelos lisos e curtos. Ela está vestida com o uniforme de médico-legista do IML. Marlene sorri ao ouvir a pergunta de Alberto Cooper.

MARLENE GONÇALVES

Está esperando alguma pista? Não, Alberto, nada foi encontrado.

ALBERTO COOPER e Marlene aproximam-se de uma maca. Um corpo está coberto por um tecido claro/ ou um saco fechado por um zíper.

Marlene puxa o tecido para descobrir o corpo/ ou abre o zíper o saco.

A câmera filma o cadáver de MANUELE CAVALHAIS.

Alberto analisa o corpo com uma expressão cheia surpresa. Ele engole a saliva, como se estivesse com náusea.

Ao observar a expressão de Alberto, Marlene sorri.

MARLENE GONÇALVES

O que encontramos? 47 perfurações. Nunca tinha visto tantos buracos feitos em tão pouco espaço. Nem um disparo de metralhadora teria o mesmo efeito.

Alberto olha com EXPRESSÃO SÉRIA E REPROVATIVA para Marlene.

(CONT.)

MARLENE GONÇALVES

(com um sorriso debochado, calçando as luvas)

Um pouco de bom humor é sempre bem vindo para quem vive no meio de corpos. Relaxe, Alberto, e contemple o belo corpo dela.

Marlene termina de calçar as luvas e olha para o corpo.

Imagem do corpo de Manuele.

A mão de Marlene indica os locais do corpo de Manuele enquanto explica.

MARLENE GONÇALVES (O.S.)

Como disse, foram 47 perfurações, todas próximas uma das outras. O sentido de todas as perfurações foi de cima para baixo, o que significa que o assassino estava sobre o corpo dela, mantendo-a entre as pernas, enquanto a perfurava com o punhal. Há hematomas na mesma região das perfurações, o que significa que ele usou de muita força para golpeá-la. Estava com muito ódio.

O dedo indicador de Marlene aponta os punhos do cadáver de Manuele. Há hematomas nos punhos.

MARLENE GONÇALVES (O.S) (CONT.)

Bem, você viu o corpo no motel, então sabe o que causaram essas marcas e as marcas nos tornozelos?

Imagem dos pés de Manuele, com marcas das amarraduras nos tornozelos

ALBERTO COOPER (O.S.)

Sim. Ela foi amarrada.

Imagem do SORRISO FRIO de Marlene.

MARLENE GONÇALVES

Não consigo imaginar o que ela fez pra ele.

(CONT.)

MARLENE GONÇALVES (CONT.)

Mas foi algo muito sério para deixar ele com tanta raiva. Não precisava de 10 por cento do que ele fez para matá-la.

Marlene volta a olhar para o corpo.

Imagem do rosto cadavérico de Manuele

MARLENE GONÇALVES (O.S.)

Está vendo a boca? Ele também cortou o canto dos lábios dela. Não imagino o motivo. E fez isso depois de remover a fita adesiva. Talvez foi por simples sadismo.

Imagem da expressão séria de Alberto.

ALBERTO COOPER

Sei disso. Eu encontrei a fita amassada ao lado do rosto dela.

MARLENE GONÇALVES

(retirando as luvas)

João me disse que encontrou um papel abaixo da língua dela. O que havia?

ALBERTO COOPER

Um desenho. Não sei o que significa.

Silêncio. Eles trocam um olhar.

Marlene coloca as luvas no bolso do jaleco.

MARLENE GONÇALVES

Bem, então a autópsia comprovou apenas o que você já sabe, Alberto. Você está lidando com um louco, meu querido.

CENA 28. CEMITÉRIO. MANHÃ.**28**

Em close shot, surge o rosto abatido de EDUARDO RADMIM. Ele usa óculos escuros.

A câmera se afasta da face de Eduardo e sobe gradativamente até o ponto em que se denota um grupo de pessoas vestidas de preto.

No centro um caixão desce ao túmulo.

Entre essas pessoas estão, além de Eduardo, JÚLIA, CRISTINE e REGINALDO, entre outros personagens ligados à Manuele.

A câmera filma Júlia Cavalhais no momento em que começa chover.

Reginaldo, que está ao lado de Júlia, abre o guarda-chuva para proteger a mãe.

Eduardo chora e Cristiane o abraça.

Um padre fala.

PADRE

... um dia encontraremos Manuele no paraíso. Ela foi uma jovem humilde, e se despediu como uma criança que sai para um longo passeio, mas que um dia seu pai Eduardo...

Eduardo emociona-se e chora ao ouvir a voz do padre.

PADRE (O.S.)

... e sua mãe Júlia a encontrará no paraíso...

A fala do padre diminui até se findar com a câmera filmando a expressão abatida de Júlia. Ela chora e seus lábios formam um sorriso nostálgico.

CENA 29. INT. CASA DE JÚLIA. MANHÃ. (FLASHBACK)**29**

CARACTERES INDICAM O ANO 1999 NO CANTO INFERIOR DA TELA.

Esta cena se resume em uma lembrança de Júlia.

Aparentando estar bem mais nova, JÚLIA CAVALHAIS está tricoteando sentada em uma cadeira.

(CONT.)

A menina MANUELE se aproxima, uma criança de uns 3 anos, aproximadamente.

MANUELE CAVALHAIS

Mamãe! Mamãe!

Júlia se irrita e olha para a filha.

JÚLIA CAVALHAIS

(zangada/ ríspida)

Que que foi, Manuele? O que você quer, menina chata?!

Manuele ameaça chorar. Controla o choro e por fim forma um sorriso.

MANUELE CAVALHAIS

Eu te amo, sabia, mamãe?

Tocada pelas palavras da filha, Júlia deixa de lado o tricoteado e pega a filha nos braços.

JÚLIA CAVALHAIS

A mamãe também te ama, filha.

Imagem da mãe segurando a filha nos braços.

CENA 30. INT. CARRO DE ALBERTO COOPER. MANHÃ

30

ALBERTO COOPER e JOÃO LOPES estão dentro de um carro estacionado em frente os portões do cemitério. Alberto está sentado ao volante. Eles observam as pessoas que estão presentes no enterro de MANUELE CAVALHAIS.

(CONT.)

JOÃO LOPES

Quando iremos visitar a mãe da garota?

POV DE ALBERTO COOPER

Através do para-brisa, Alberto observa JÚLIA CAVALHAIS diante o túmulo da filha, em meio às pessoas.

ALBERTO COOPER (O.S.)

Em breve. Antes precisamos visitar a esposa de Clark.

JOÃO LOPES

E quanto a Clark, quando o veremos?

ALBERTO COOPER

Assim que ele se recuperar...

(Alberto sorri)

... pelo menos fisicamente.

JOÃO LOPES

E vamos hoje?

ALBERTO COOPER

(confuso)

Onde?

JOÃO LOPES

Ver a esposa de Clark?

ALBERTO COOPER

Ah, sim. Agora.

A mão de Alberto gira a chave de partida do carro.

CENA 31. INT. CASA DE CLARK MEISINGER. LAREIRA.**31**

Imagem de fogo em uma lareira.

A face de BRUNA LEWIS surge na tela. Ela olha pensativamente para o fogo. Bruna é a esposa de Clark Meisinger. É uma mulher morena, de singela beleza, um pouco baixa, de cabelos lisos e curtos. Bruna aparenta estar entristecida enquanto observa o fogo.

Um senhor uniformizado se aproxima com elegância. Seu nome é RUI, o mordomo da família, um senhor de pele clara, magro, grisalho e um tanto afeminado.

MORDOMO RUI

Senhora Bruna.

BRUNA LEWIS

Pois não, Rui?

MORDOMO RUI

A senhora tem visita.

BRUNA LEWIS

(confusa/surpresa)

Visita? Nunca recebemos visita.

MORDOMO RUI

Acredito que sejam policiais, senhora.

BRUNA LEWIS

Ah. Com certeza querem conversar a respeito do que aconteceu com Clark. Deixe eles entrar, Rui.

Bruna levanta-se da poltrona em que estava sentada.

CENA 32. INT. CASA DE CLARK. SALA DE ESTAR. DIA.

32

ALBERTO COOPER e JOÃO LOPES estão sentados em um sofá espaçoso. Eles olham para BRUNA LEWIS que está sentada em um sofá contraposto.

ALBERTO COOPER

Então, senhora, já deve imaginar o motivo de estarmos aqui.

BRUNA LEWIS

Imagino.

Nesse momento, Rui se aproxima.

MORDOMO RUI

Desculpe incomodá-la, senhora Bruna, mas se precisar de algo, estarei na cozinha.

Alberto fixa um olhar analítico na face mordomo.

BRUNA LEWIS

Tudo bem, Rui.

MORDOMO RUI

Ótimo. Com licença, senhores.

Assim que Rui se afasta, Alberto fixa um olhar sério na face de Bruna.

ALBERTO COOPER

Então, senhora, gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre o seu marido.

(CONT.)

BRUNA LEWIS

(soltando um sorriso)

Claro. Sobre meu marido.

ALBERTO COOPER

Bem, primeiramente gostaria de saber se a senhora sabia sobre o envolvimento de Clark com Manuele, a garota que foi...

INDIGNADA, Bruna interrompe Alberto.

BRUNA LEWIS

Sei quem é ela. Quem ela foi...

(Bruna dá uma pausa e solta um sorriso AMARGO)

... Mas não! Não sabia de nada. Pra ser sincera, não sabia de nada sobre a vida de Clark.

Bruna age como uma mulher que fora tratada com muita indiferença pelo marido, sentindo muita mágoa e despeito.

ALBERTO COOPER

Clark aparentava estar diferente nos últimos dias?

BRUNA LEWIS

Diferente?

ALBERTO COOPER

Sim. Aconteceu algo estranho, uma atitude fora do normal, nos últimos dias? Uma ligação, por exemplo, que a senhora desconfiasse?

BRUNA LEWIS

Não.

ALBERTO COOPER

Bem, e a senhora conhece Eduardo Radmim?

(CONT.)

BRUNA LEWIS

Não. Mas sei quem é? Também soube que a garota que foi assassinada é filha dele.

Silêncio. Troca de olhares entre Alberto e João Lopes.

ALBERTO COOPER

E sabe também sobre a rivalidade entre os dois?

BRUNA LEWIS

Sim, claro. Clark sempre odiou esse Eduardo. Sempre quis humilhar ele. Aliás, é óbvio o motivo que forçou Clark a levar a filha de Eduardo a um motel, não é? Os homens sempre querendo ser superior aos outros.

ALBERTO COOPER

É... Aliás, fiquei impressionado ao saber que a filha de Eduardo era uma garota de programa. A senhora imagina como Clark descobriu sobre isso?

BRUNA LEWIS

Não faço a menor idéia. Mas posso garantir que Clark sempre investigou a vida de Eduardo. Sabia de tudo sobre ele.

ALBERTO COOPER

Como sabe disso?

BRUNA LEWIS

Sou a esposa dele. Conversava com ele às vezes, pra variar. E Clark sempre falava sobre as discussões que tinha com Eduardo na empresa.

ALBERTO COOPER

Discussões?

(CONT.)

BRUNA LEWIS

Sim. Pra mim não se passava de briguinhas idiotas e sem sentido.

ALBERTO COOPER

Clark tem amigos que frequentavam a sua casa?

BRUNA LEWIS

(rindo)

Clark não tem amigos. Não que eu conheça.

Há uma troca de olhares entre Bruna e Alberto.

BRUNA LEWIS

Como vê, eu não sei de nada sobre Clark, meu querido esposo. E certamente não poderei ajudá-los em nada. Desculpe.

ALBERTO COOPER

(levantando-se e tirando um cartão do bolso da blusa)

Tudo bem, senhora. Mas vou deixar meu cartão. Se por acaso lembrar de algo que possa nos ajudar, é só ligar.

Bruna apanha o cartão.

Algum tempo se passa e os investigadores saem pela porta de entrada. Assim que eles saem, o mordomo Rui a fecha a porta.

CENA 33. INT. CARRO DE ALBERTO COOPER. DIA

33

ALBERTO COOPER e JOÃO LOPES estão dentro do carro estacionado em frente à casa de Clark.

Alberto da partida no carro.

(CONT.)

JOÃO LOPES

Tempo perdido!

Imagem do carro de Alberto se afastando.

ALBERTO COOPER (O.S.)

É. Como uma mulher pode não saber de nada sobre o próprio marido?

JOÃO LOPES (O.S)

Também não consigo entender.

Imagem de João Lopes colocando óculos de lentes escuras.

JOÃO LOPES

E quando iremos ver a mãe da garota?

ALBERTO COOPER

Em breve. Vamos esperar ela se recuperar. Estava pensando em ver Clark primeiro. O que acha?

JOÃO LOPES

Não sei, não. Dizem que o cara está bem machucado ainda. Acho que deveríamos ver a mãe de Manuele primeiro.

Alberto também coloca os óculos escuros e engata a quarta marcha.

CENA 34. INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA. NOITE.

34

Através de uma janela entreaberta, imagem da lua iluminando as nuvens.

A câmera desce, gira horizontalmente e aproxima-se de uma cadeira de rodas.

(CONT.)

Os PÉS de alguém que está sentado na cadeira de rodas tentam se movimentar com um movimento trêmulo.

Ouve-se um gemido.

A câmera sobe, percorrendo o corpo dessa pessoa até terminar em sua face.

A face de CLARK MEISINGER, marcada de hematomas, surge na tela. Além dos hematomas na face de Clark, há um corte superficial em sua têmpora.

Os olhos de Clark parecem estar distantes e assombrados.

Em um momento, os olhos se abrem, como se Clark se assustasse de algo.

CORTA PARA

CENA 34. QUARTO DE MOTEL. NOITE.

34

Sentado no chão do quarto de motel na noite em que Manuele fora assassinada, CLARK olha para CLEISON trucidando MANUELE.

Ouve-se um gemido, dedutivamente de Manuele, e os olhos de Clark se abrem apavorados.

POV DE CLARK

Cleison Boyle ajoelha-se sobre a cama, mantendo Manuele entre as pernas. Ele levanta as duas mãos, segurando um punhal.

Em um movimento brusco, ele arremete o punhal contra o corpo de Manuele.

VOLTA À CENA

Close nos olhos apavorados de Clark.

Substitui-se a imagem dos olhos de Clark pela imagem de Cleison levantando novamente as mãos para outro golpe de punhal.

POV DE CLARK

Close de alguns segundos no punho de Cleison, onde uma TATUAGEM é perceptível nitidamente.

(CONT.)

VOLTA À CENA

Os olhos de Clark parecem captar a tatuagem no punho de Cleison.

FADE OUT.

THE END